

I

No recanto do mundo onde Hélène Karol tinha nascido, o fim do dia era anunciado por uma poeira espessa que voava lentamente pelo ar e que voltava a cair na terra com a chegada da noite húmida. Uma difusa luz avermelhada vagueava na franja do céu; o vento trazia para a cidade o odor das planícies ucranianas, um ténue e acre cheiro a fumo, a frescura da água e dos juncos que cresciam nas margens do rio. O vento soprava da Ásia; passava por entre os Montes Urais e o Mar Cáspio e levantava ondas de poeira amarelada que se metia entre os dentes; áspero e cortante, enchia o ar com um rugido surdo, que se afastava perdendo-se em direcção ao oeste. Então tudo se acalmava. Pálido e extenuado, o Sol poente mergulhava no rio, velado por uma nuvem lívida.

Da varanda dos Karol via-se a cidade inteira que se estendia desde o Dniepre até às longínquas colinas, ponteadas pelas luzinhas vacilantes dos candeeiros a gás que bordavam as ruas tortuosas, enquanto na margem oposta brilhavam os primeiros fogos da Primavera acesos na erva.

A varanda estava rodeada de caixas cheias de flores seleccionadas que desabrochavam durante a noite — flor-do-tabaco, reseda-de-cheiro, nardos — e era tão larga que ainda lá cabiam a mesa de jantar, as cadeiras, um pequeno canapé de sarja de dois lugares e a poltrona do velho Safronov, avô de Hélène.

A família, sentada à volta da mesa, comia em silêncio; a chama do candeeiro a petróleo consumia as minúsculas borboletas nocturnas de asas beges. Debruçando-se na cadeira onde estava sentada,

Hélène contemplava as acácias do pátio iluminadas pelo luar. O pátio era selvagem, mal tratado, mas repleto de árvores e de flores como um jardim. Nas noites de Verão, os criados juntavam-se aí, riam e conversavam entre si; por vezes, um saiote branco agitava-se na sombra, ouviam-se os sons de um acordeão e um pequeno grito abafado:

— Deixa-me, diabo!

Madame Karol então levantava a cabeça e dizia:

— Aqueles, lá em baixo, não se aborrecem...

No Verão comia-se sempre tarde. Hélène ficava meio adormecida na cadeira. As pernas ainda lhe tremiam, contraídas pelos esforços despendidos nas corridas pelo jardim; sentia o peito arquejante, ao lembrar-se dos gritinhos agudos que dava involuntariamente enquanto corria atrás do arco, semelhantes ao canto de um pássaro. Entretanto, a mão, pequena e dura, tocava com delícia numa bola preta, a sua preferida, que, escondida no bolso, debaixo do saiote de tarlatana, lhe roçava na perna. Era uma menina de oito anos, com um vestido de bordado inglês, atado abaixo da cintura com um cinto de *moire* branco, com um laço, preso por dois alfinetes. Os morcegos voavam e quando algum passava muito baixo, silenciosamente, por cima das cabeças, Mademoiselle Rose, a preceptora francesa de Hélène, soltava um gritinho e ria-se.

Hélène entreabria os olhos com esforço e olhava para os pais sentados ao seu lado. Via a cara do pai, rodeada por uma espécie de neblina amarela e a tremer como se fosse um halo; aos seus olhos fatigados, a luz do candeeiro parecia vacilante. Mas não era impressão: era mesmo verdade. O candeeiro estava a deitar fumo e a avó gritava à criada:

— Macha! Baixa a torcida do candeeiro!

A mãe de Hélène suspirava, bocejava e folheava, enquanto comia, as revistas de moda vindas de Paris; o pai estava calado e tamborilava suavemente no tampo da mesa com os seus dedos delicados e esguios.

Era só com ele que a garota se parecia; era a sua réplica fiel. Fora dele que recebera o fogo dos olhos, a boca grande, os cabelos encacacolados e a tez morena, biliosa, que se tornava macilenta quando ela estava triste ou adoentada. Hélène olhava para o pai com ternura.

Mas este só tinha olhos e carícias para a mulher, que lhe afastava a mão com um ar arisco e caprichoso:

— Deixa-me, Bóris... Está calor, deixa-me...

Puxava o candeeiro para junto dela, deixando os outros às escuras; suspirava com uma expressão de aborrecimento e de fadiga enquanto, com os dedos, ia fazendo canudos no cabelo. Era alta, bem proporcionada, e tinha um «porte de rainha», embora com tendência para engordar, que combatia com espartilhos em forma de couraça, que as mulheres nesse tempo costumavam usar e onde os seios repousavam em duas bolsas de cetim, como frutos numa cestinha. Os braços eram bonitos, brancos e empoados. Hélène tinha um sentimento estranho, próximo da repulsa, quando via de perto aquela carne nívea, aquelas mãos brancas e ociosas com as unhas cortadas em forma de garras. Por fim, o avô de Hélène fechava o círculo familiar.

A Lua lançava a sua tranquila claridade sobre a copa das túlias; por detrás das colinas, os rouxinóis cantavam e o Dniepre corria com uma brancura resplandecente. O luar fazia luzir a nuca de Bella Karol, de um branco granulado, duro e cerrado de mármore, os cabelos prateados de Bóris Karol e a curta barba afilada do velho Safronov. Iluminava também frouxamente o pobre rosto enrugado e anguloso da avó, tão velho, tão cansado, apesar de a senhora ter apenas cinquenta anos... O silêncio daquela cidade provinciana adormecida, perdida nos confins da Rússia, era pesado, profundo, de uma tristeza esmagadora. Às vezes, esse silêncio era subitamente interrompido pelo barulho de um carro que saltava na calçada ressoante da avenida. Ouvia-se o cruel estrépito de chicotadas, de gemidos de rodas, de imprecações, e depois o estertor afastava-se... Nada... o silêncio... um roçar de asas nas árvores... Uma canção longínqua vinda de um caminho rural, cortada de repente pelo barulho de uma troca de palavras, de gritos, do ressoar das botas dos polícias, dos berros de uma mulher embriagada que arrastavam para o posto puxando-a pelos cabelos... De novo, o silêncio... Hélène ia beliscando os braços para não se deixar adormecer; sentia o rosto a arder. Os negros canudos faziam-lhe calor no pescoço e, por isso, passava-lhes a mão por baixo e levantava-os; lembrava-se com raiva de que era só por causa dos cabelos compridos que os rapazes lhe ganhavam as corridas,

porque lhos puxavam durante os jogos; mas recordava-se também, sorrindo de orgulho, de que tinha conseguido manter-se em equilíbrio na beira escorregadia do tanque. Sentia os membros doridos por uma deliciosa e torturante fadiga; disfarçadamente, ia massajando os martirizados joelhos, permanentemente marcados de nódoas negras e de esfoladelas; o sangue quente corria-lhe no corpo; com pontapés impacientes martelava as pernas da mesa e, por vezes, as pernas da avó, que se calava para não ralharem à neta. A mãe dizia-lhe num tom cortante:

— Põe as mãos em cima da mesa!

Depois voltava a pegar na revista de modas e pronunciava a meia-voz, suspirando, modelando langorosamente as palavras entre os lábios:

— *Tea-gown* de *surah* amarelo-limão, dezoito laços de veludo cor de laranja a abotoarem o corpete...

Com os dedos entrançara uma pequena madeixa dos seus cabelos negros e brilhantes, com a qual ia, sonhadamente, acariciando o rosto. Andava sempre entediada: não apreciava a vida que levavam as mulheres da cidade, que, quando chegavam aos trinta, se reuniam para jogar às cartas e fumar. Os cuidados com a casa e a criança aterravam-na. Feliz, só se sentia num hotel, num quarto mobilado com uma cama e uma mala, em Paris...

— Ah! Paris... — sonhava, fechando os olhos. — Comer ao balcão do *Rendez-vous des Chauffeurs et des Cochers*, passar, se fosse preciso, noites na carruagem de um comboio, nos duros assentos de terceira classe, mas sentir-se só e livre! Aqui, em cada janela, um olhar de mulher observava-a, reparava nos seus vestidos de Paris, na sua maquilhagem, no homem que a acompanhava. Aqui, cada mulher casada tinha um amante, que os filhos tratavam por «Tio», e que jogava às cartas com o marido. «Mas então para que serve ter um amante?», pensava Bella, quando se lembrava das ruas de Paris, desses homens desconhecidos, que a seguiam... Isso, pelo menos, era apaixonante, perigoso, excitante... Apertar nos braços um homem, sem saber de que país era nem o nome e que nunca mais e voltasse a ver. Só isso lhe podia dar o arrepio intenso que procurava. E pensava:

«Ah! Não nasci para ser uma burguesinha pacata, satisfeita, feliz entre o marido e a filha.»

Entretanto, o jantar tinha terminado; Karol afastou o prato e pôs em cima da mesa a roleta comprada no ano anterior em Nice. Todos se aproximaram, para o verem lançar a bola de marfim com uma espécie de fúria, mas, às vezes, quando o acordeão ressoava no pátio com mais força, Karol punha um dedo no ar e, sem parar de jogar, trauteava a ária com uma precisão singular e recomeçava, assobiando-a desta vez com os lábios semicerrados.

— Lembras-te de Nice, Hélène? — perguntou-lhe a mãe.

Hélène lembrava-se bem de Nice.

— E de Paris? Esqueceste-te de Paris?

Hélène sentia o coração a derreter-se de ternura ao lembrar-se de Paris, das Tulherias... (As árvores despidas sob o suave céu de Inverno, o doce cheiro da chuva, e, num crepúsculo nebuloso e pesado, aquela Lua amarela que se elevava lentamente por cima da coluna Vendôme...)

Karol esquecia-se de todos os que o rodeavam. Tamborilava nervosamente com os dedos no tampo da mesa e olhava para a bolinha de marfim que rodopiava e girava sem parar, enquanto pensava:

— O negro, o vermelho, o 2, o 8... Ah! Não ganhei por pouco... Quarenta e quatro vezes a parada. Apenas com um luís de ouro.

Mas a roleta rodopiava muito depressa e não lhe dava tempo de desfrutar nem da incerteza nem do risco, não lhe dava tempo de cair no desespero com a derrota nem de ficar exaltado com a vitória. O bacará, isso sim... Mas sentia-se ainda muito insignificante, ainda muito pobre... Um dia, talvez... quem sabe?

— Ai, meu Deus! Ai, meu rico Nosso Senhor! — disse maquinalmente a velha Madame Safronov. Coxeava um pouco de uma perna: os seus traços fisionómicos estavam apagados, diluídos pelas lágrimas como se pertencessem a uma fotografia muito antiga; o pescoço macilento e enrugado saía-lhe da larga gola de canudos da blusa branca. Levava constantemente a mão ao peito achatado, como se cada palavra dita lhe fizesse saltar o coração; sempre triste, lamurienta, receosa, tudo para ela era pretexto para suspiros, para ais. Exclamava constantemente:

— Ai! Que má é a vida! Como Deus é terrível! Que duros são os homens!

E dizia à filha: